

O DOMINGO DE RAMOS

Vilma Nunes da Silva Fonseca¹

– Foi pênalti, cara! Pra quem você tá torcendo, hein?

– Cala a boca! Veja o lance no replay!

A noite abria-se entrecortada pela cor negra das nuvens pesadas. São José atendia aos chorosos pedidos de dias anteriores. Tudo estava pronto para começar a procissão. Segui no pelotão da frente, cansado, mas acostumado com a labuta. Jesus estava montado e os quase autênticos judeus sinalizavam o início do desfile sacro. Os simbólicos galhos de oliveira desenhavam a nossa passagem.

– ... ele é o filho de Davi... é o Rei dos reis...

A praça domingueira e centenária dividia os seguidores de ídolos diferentes. Cada grupo exibia a máxima adoração aos seus deuses. A igreja, sitiada por templos bacantes, lugares de maior concentração de gente descolada, assistia à saída da procissão, desgastada, mas entusiasmada na sua tradição secular.

– Ave Maria...

Do outro lado da praça estavam os fanáticos torcedores do Flamengo e do Vasco presenciando mais uma edição do Campeonato Brasileiro. Um duelo de gigantes. O bar estava lotado de fiéis devotos ao culto futebolístico. Eles se espalhavam até o outro lado da calçada. Claro que a adoração ultrapassava a visão do espetáculo encenado, de longe se via apenas um televisor 20' que detinha a atenção de raivosos telespectadores. A vendedora de balas dividia seu olhar entre a festa religiosa e a profana.

– Gooooool!!!

A procissão preenchia a faixa direita da rua.

– Juiz filho de uma puta.

A multidão cantava e acenava numa espécie de coreografia ensaiada. O trajeto projetava o contorno das duas praças do centro da cidade. De longe, percebi que alguns pegaram um atalho para diminuir o sacrifício. As ave-Marias continuavam.

¹ Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (Doutorado em Letras: Ensino de Língua e Literatura). cursou graduação em Letras - Licenciatura Plena Português/Inglês (1999), Especialização em Literatura Luso-Brasileira (2002) e Mestrado em Estudos da Linguagem (2005) com área de concentração em Literatura Comparada, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Docente da Licenciatura em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Câmpus Universitário de Araguaína. E-mail: vilmanunes@uft.edu.br

A volta previa um confronto direto entre os dois grupos. No entanto, um desvio não permitiu que isso acontecesse. De repente, puxaram-me para a contramão. Os motoristas surpresos com o descaminho da procissão optaram pela marcha ré para evitar o choque. Na confusão, um motoqueiro atrapalhado quase atropelou os passantes. As pessoas que seguiam na frente aumentaram o ritmo para chegar rapidamente à igreja. A pacífica caminhada se transformou numa nervosa corrida ao ponto de partida. A reza ficou distorcida.

Logo, aconteceu o inesperado mais que esperado, a chuva começou a cair e banhou a cidade, os bancos da praça, o carro de balas, o povo e tudo o mais. Disciplinados, mesmo na confusão estabelecida, os católicos atônitos caminhavam e também corriam para fim do cortejo.

A mulher, coitada, na tentativa de fechar o seu comércio de balas a tempo de se proteger, acabou tropeçando na sua própria falta de fé. Ninguém a ajudou.

Os homens não viram nada de procissão, nada de mulher, nada de chuva. Permaneciam inertes. Na verdade, não estavam ali.

O pecado é mesmo a gordura do espírito. Veja esse rapaz tão desencorpado e, ao mesmo tempo, com uma alma tão densa e encardida. O peso do seu corpo molhado libertou-me do transe daquela cena de pouca fé.

Há muito tempo, um poeta tentou me homenagear. Um monumento seria erigido em meu nome, por ter sido um dos grandes propulsores do progresso nordestino. Pena que a arquitetura da cidade não combina com tudo.